



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**



VITÓRIA FELBER DE OLIVEIRA DUTRA

O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mergulhando no universo criador das crianças através da relação professor e aluno

CAMPO GRANDE – MS
2023

VITÓRIA FELBER DE OLIVEIRA DUTRA

O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mergulhando no universo criador das crianças através da relação professor e aluno

Trabalho apresentado ao curso de Artes Visuais – licenciatura – da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito final à obtenção da graduação, sob a orientação da Profª. Dra. Vera Lúcia Penzo Fernandes e Profa. Dra. Rozana Vanessa Fagundes Valentim de Godoi.

CAMPO GRANDE - MS
2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente sempre, agradeço a Deus, que me permitiu estar aqui e me deu força e coragem para vencer esse desafio. Agradeço também a minha família, meu esposo, meus pais, a todos os professores e coordenação do curso, e em especial as professoras que me orientaram durante o processo de construção desse trabalho, Vera Lúcia Penzo Fernandes e Rozana Vanessa Fagundes Valentim de Godoi.

Dedico este trabalho ao meu esposo Higor Joseph, que tanto me apoiou, e ao meu filho ainda não nascido, que se tornou o maior motivo para que eu chegasse até aqui. Dedico também a todos que de uma forma ou de outra contribuíram com a minha caminhada, família, amigos, e toda a equipe docente do curso de Artes Visuais - licenciatura da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é investigar e compreender questões sobre o processo criativo das crianças da educação infantil, descrevendo como ocorre a atividade criadora das crianças em sala de aula, suas vertentes e as práticas pedagógicas do professor tentando entendê-las para contribuir com os seus processos. Trago na pesquisa entendimentos sobre a relação professor e aluno, pensando na interação e mediação em sala de aula, e no trabalho pedagógico do professor de Arte nas aulas da educação infantil. Busca-se a partir disso, entender como ocorre o desenvolvimento dos alunos nesse nível de ensino e quais encaminhamentos artísticos estão presentes na realidade escolar dessas crianças. Como procedimento de pesquisa utilizo a abordagem qualitativa, contando com relatos de experiências, relatórios cedidos para este estudo, e entrevistas. Além desses, apresento no terceiro capítulo do trabalho, registros da minha observação participante, e a análise dessas imagens (desenhos de alunos da educação infantil de uma escola de Campo Grande - MS) e a contextualização da entrevista (também realizada com um professor que atua na educação infantil) para chegar-se à resposta de como a criação ocorre na prática e complementar a pesquisa bibliográfica feita nos dois primeiros capítulos.

PALAVRAS-CHAVE: Processo criativo, educação infantil, aulas de Arte.

ABSTRACT

The intention of this work is to investigate and understand questions about the creative process of children in early childhood education, describing how children's creative activity occurs in the classroom, its aspects and the difficulties of the teacher dealing with children and trying to understand them in order to contribute with your processes. I bring to the research understandings about the teacher and student relationship, thinking about interaction and mediation in the classroom, and the pedagogical work of the Art teacher in early childhood education classes. From this, the aim is to understand how the development of students at this level of education occurs and which pedagogical and artistic practices are present in the school reality of these children. As a research tool I use qualitative methodology, relying on experience reports, reports provided for this study, and interviews. In addition to these, in the third chapter of the work I present records of my participant observation, and the analysis of these images (drawings from early childhood education students at a school in Campo Grande - MS) and the contextualization of the interview (also carried out with a teacher who works in early childhood education) to arrive at the answer to how creation occurs in practice and complement the bibliographical research carried out in the first two chapters.

KEYWORDS: Creative process, early childhood education, Art class.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho de dinossauro	24
Figura 2 - Desenho de personagem	25
Figura 3 - Desenho de "homem morto"	26
Figura 4 - Desenho Homem-aranha	27
Figura 5 - Desenho "Avocato"	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. COMO ENTENDER O PROCESSO CRIATIVO DAS CRIANÇAS?	12
1.1 A ATIVIDADE CRIADORA	12
1.2 CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	14
2. O ENSINO DE ARTE E O TRABALHO PEDAGÓGICO	19
3. PESQUISA DE CAMPO: COMO É A CRIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS AULAS DE ARTE?	23
3.1 AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL CRIANDO EM SALA DE AULA	23
3.2 O PROFESSOR NAS AULAS DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37
ANEXO I – ENTREVISTA	39
PROJETO DE CURSO PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS	41
1. APRESENTAÇÃO	42
2. OBJETIVOS GERAL	42
3. CONTEÚDO/TEMA GERAL	42
4. IDENTIFICAÇÃO DO ANO ESCOLAR	42
5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA	42
6. AVALIAÇÃO	49
7. REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve seu início a partir das minhas inquietações e curiosidades a respeito da relação professor e aluno baseadas a partir das minhas experiências com os estágios obrigatórios e também na vivência dos meus anos escolares com a matéria de arte. A mesma se iniciou com a orientação da professora Vera Lúcia Penzo Fernandes, que acompanhou o processo até o segundo capítulo do trabalho. Após ele, por motivo de afastamento, finalizei a pesquisa com a orientação da professora Rozana Fagundes Valentim de Godoi, que me auxiliou no terceiro capítulo e ajustes finais. A intenção do trabalho é investigar e compreender questões sobre a criatividade das crianças que estão na educação infantil e descrever como ocorre a criação delas em sala de aula. Busco entender o processo criativo a partir da relação professor e aluno nas aulas de Arte, na educação infantil, e conhecer as práticas artísticas que estão presentes na realidade escolar em questão. Procuo com essa pesquisa também compreender como ocorre o desenvolvimento dos alunos nas aulas de arte, para analisar as possibilidades de trabalho pedagógico.

No estágio obrigatório do ensino fundamental, em 2022, estive observando turmas do segundo e quarto ano de uma escola municipal de Campo Grande (MS). Pude perceber, nesse tempo de estágio, que as crianças nessa fase escolar, principalmente no segundo ano, estavam muito interessadas em qualquer oportunidade de estímulo criativo em sala. Por exemplo, no dia do *halloween*, a professora passou uma atividade envolvendo desenho e escrita, pedindo que criassem uma história e ilustrassem. Ao final da aula, todos estavam falando com vozes diferentes, fazendo caras e contando as histórias como se fossem realmente os personagens inventados. Sem contar que, por conta da oportunidade da data já ser de conhecimento deles, muitos foram até mesmo fantasiados e brincando de ser personagens durante todo o período. Uma outra vez, com essa mesma turma, percebi que ao assistirem a um filme a maioria conversava trazendo elementos da realidade e comparando com a história que viram na tela. Assim, mesmo antes da professora propor uma reflexão ou atividade, eles já estavam empolgados e tendo ideias a partir do que gostaram de ver. Com isso, refleti em como as crianças são receptivas à ideia de criar, esperando sempre uma oportunidade para entrar na fantasia.

Em minha experiência com o estágio em espaço não formal, e com o fundamental II, considerei as crianças mais novas muito mais interessadas do que os mais velhos, e até mesmo adultos que tive contato. E já que os alunos nessa fase dos primeiros anos na escola se encontram animados para se desenvolver criativamente, lembro que Fernandes (2016) diz que a necessidade da condição de acesso à obra é fundamental para desenvolver a imaginação e a criação, que os códigos visuais emanam de um contexto

histórico e ampliam as referências e, conseqüentemente, a criação de novos produtos individuais. Isso torna a mediação do professor fundamental no processo criativo do aluno, considerando que a importância dele trazer o máximo de meios para que eles criem se torna ainda maior. Então, juntando o interesse e a curiosidade das crianças nos primeiros anos escolares com as diversas oportunidades de acesso que elas terão a partir das aulas, com mediação repleta de referências, os alunos terão repertório para desenvolver a criação.

A escolha de pesquisar o ensino de arte na educação infantil se deu principalmente pelo meu desejo de entender o processo criativo das crianças nos primeiros anos escolares, e pela vontade de analisar as possibilidades de trabalho pedagógico em sala para mergulhar nesse universo. Um dos fatores primordiais para a existência da continuidade e a então realização do trabalho foi a minha inserção na escola através da residência pedagógica, projeto institucional da UFMS articulado com as redes estadual e municipal, que acontece inserindo o estudante na escola de maneira intensa com uma carga horária superior aos estágios e uma oportunidade de participar da escola de maneira horizontal, visando o fortalecimento e aprofundamento da formação. Nesse momento de vivência, percebi que diferentes métodos e abordagens para ensinar arte influenciavam no desenvolvimento criativo e no aprendizado, e mesmo sabendo não ser essa nova experiência ligada ao mesmo objeto do estudo (a educação infantil, anos iniciais) acabaram surgindo novos questionamentos que eu inevitavelmente precisaria refletir para a minha formação. Entre eles: Como funciona o processo criativo das crianças da educação infantil e como o trabalho pedagógico interfere nele? Como a arte chega para as crianças da educação infantil? Como a emoção afeta o ensino de arte?

Então, considerando essas reflexões, será dissertado ao longo do texto entendimentos sobre processos de criatividade na educação infantil, sobre o desenvolvimento da criança nos primeiros anos escolares e a relação com os processos pedagógicos e a emoção. Como base teórica para os temas abordados, temos as obras de Vigotski (2009), Fernandes (2016), Arce e Martins (2021), Saviani (2013), entre outras. O estudo de caso discorre a partir de como se desenvolve o processo de criação da criança, como ocorre a atividade criadora, iniciado no primeiro capítulo, e, após esse momento, a pesquisa passará o enfoque para o ensino de arte na educação infantil e seus desdobramentos no trabalho pedagógico, considerando como estes podem interferir no processo criativo das crianças, e a didática em sala de aula. Nos meus primeiros anos escolares, considerei, assim como muitos, o ensino de arte como uma aula de desenho livre e lazer para descansar após ou antes das outras aulas cansativas e "chatas". Conversando com meus irmãos de 6 e 8 anos, pude notar a diferença de como eles viam essas aulas e o que estavam fazendo na escola em comparação com a minha experiência. Em um dos

casos, a irmã (6 anos) já teve diversas experimentações de materiais apesar de estar apenas no primeiro ano escolar, conhece e sabe misturar cores. E no outro, o irmão (8 anos) já participou de diversos projetos envolvendo maquetes, colagens, pintura e, em seu terceiro ano escolar, já aprendeu sobre artistas da história da arte como Van Gogh e Tarsila do Amaral, trabalhando com leitura de imagens, releitura e estudando características dos movimentos artísticos. Posso dizer a partir disso, que, apesar de que, eu era uma criança que gostava de desenhar, cantar, escrever, dançar, recortar, colar, fazia tudo isso totalmente fora da escola, com cartilhas compradas, com influência da família, já que no ambiente escolar não conseguia enxergar brechas para desenvolver qualquer tipo de criação. Por isso enfatizo a importância do papel do professor nesse processo, já que consegui presenciar uma diferença relativamente grande entre experiências a partir de trabalhos diferentes em sala de aula.

Uma questão importante ao analisar as diferenças nas experiências pessoais citadas acima, é, além da diferença individual que cada aluno tem com uma escola, série escolar e professor, a diferença no contexto de tempo entre um período e os outros. Em maio de 2016, uma nova lei altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) incluindo como obrigatório o ensino de Artes Visuais, Música, Dança e Teatro nos currículos de todos os níveis de educação nas escolas do Brasil. A partir dessa lei, além da obrigatoriedade dos conteúdos dentro das escolas, ocasionou mudanças perceptíveis, principalmente para os profissionais da área de Arte, que passaram a ter mais segurança no mercado de trabalho e sua devida importância na área de atuação. Anteriormente, considerando o ano de 2005, quando eu estudava na educação infantil, não existia ainda uma lei nacional para determinar as aulas de arte, o que fazia cada estado e município decidir por si a própria organização da matéria. Essa falta de regulamentação ocasionou muitas vezes, aulas de arte ministradas por professores não formados na área de Artes, e além das aulas ausentes de conteúdos e práticas pedagógicas apropriadas para a matéria de Arte, esse problema ajudou a construir uma desvalorização da Arte nas escolas, por serem tratadas como algo superficial e menos importante como área de conhecimento. Considerando a cidade de Campo Grande - MS, onde estudei e resido, e as experiências detalhadas que pude ter acesso, a partir de professoras que trabalharam há pelo menos 10 anos na rede Municipal de ensino, atualmente existe uma maior preocupação da parte das escolas e do governo da cidade em manter professores da área de Artes, na matéria de Artes na educação infantil, considerando alguns anos anteriores. Uma pedagoga que pude entrevistar me revelou informações sobre a sua experiência profissional no município, de aproximadamente 15 anos atuando como professora regente de sala do ensino fundamental. Ela contou que há menos de 8 anos, aproximadamente ela ainda estava ministrando aulas de Arte na

educação básica, explicando que não era obrigatória a formação na área para a atuação e que assim como ela muitas outras professoras pedagogas, pouco tempo atrás realizavam a mesma atividade na educação infantil e básica por falta de professores formados na área.

Enquanto discente de licenciatura em Artes Visuais na UFMS, me deparei também com a realidade de que no curso pouco se trata da educação infantil, considerando os conteúdos gerais, os estágios e os projetos de extensão. Os estágios obrigatórios de observação e regência, no fundamental I e II, ensino médio e espaço não formal totalizam 400 horas da carga horária do curso, mas a experiência na educação infantil além de não obrigatória é pouco citada nas aulas. Alessandra Arce e Lígia Márcia Martins (2021) fizeram apontamentos a respeito dessa problemática que surge com a ausência da preocupação com a educação infantil:

À luz dos preceitos da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico-cultural (também conhecida como sócio-histórica), consideramos que a educação infantil seja integrante da educação escolar e, como tal, responsável pela transmissão planejada dos conhecimentos historicamente sistematizados. Assim sendo, o ensino em EI não pode ser tratado como questão de menor importância, muito menos imiscuído às interpretações, no mínimo, preconceituosas sobre o ato de ensinar e sobre a escola (Arce; Martins, 2021, p.8).

As autoras afirmam um preconceito com a educação infantil, que se dá principalmente pelo senso comum a partir do que acreditam que é ou deve ser ensinado nessa fase escolar. Essa realidade me provocou ainda mais a pensar sobre o ensino de Arte na educação infantil, e a querer chegar a respostas que pouco são buscadas na minha área de atuação.

Esse trabalho, além da pesquisa bibliográfica, incluindo dados de artigos, ainda conta com os relatos de experiência que me levaram a essa epistemologia. O objeto principal desta pesquisa se dá a partir da relação professor e aluno e seus desdobramentos, considerando o professor de arte no contexto da educação infantil, e também o pressuposto de que a área de atuação do professor de arte é a mais propícia para estimular a sensibilidade e emoção em um contexto escolar, sendo parte da sua responsabilidade com os alunos. Espero contribuir para a reflexão sobre a importância da criação das crianças no ensino de arte na educação infantil, e como isso pode contribuir para o desenvolvimento emocional e cognitivo das mesmas, e, conseqüentemente, na formação de indivíduos mais críticos e criativos. Ademais, espero discutir como a didática do professor de arte pode potencializar os processos criativos das crianças, estimulando sua curiosidade, imaginação, expressão e contribuir com a formação de professores de Arte mais conscientes da sua responsabilidade com a educação, principalmente a educação infantil.

1. COMO ENTENDER O PROCESSO CRIATIVO DAS CRIANÇAS?

1.1 A ATIVIDADE CRIADORA

Neste capítulo irei discorrer a partir de reflexões sobre o processo criativo das crianças e destacar as características da atividade criadora na infância considerando as crianças da educação infantil. A criação, de acordo com Fernandes (2016), é uma atividade complexa que já mudou muito em conceito desde a antiguidade, e em termos históricos, ainda há pouco tempo encontrávamos uma crença de que a criatividade estaria sempre atrelada ao sentido de que uma pessoa nascia criativa ou não. Felizmente, os estudos científicos após a primeira metade do século XX desmentem essas concepções. Ainda sim, possui-se fragilidades em termos considerando as vivências emocionais e a subjetividade das configurações sociais e individuais que fazem parte de todo o processo de imaginação, criação, e criatividade. Também diz a autora, que as pesquisas sobre criatividade geralmente criticam as formas de reprodução do conhecimento na escola e a formação e preparo do professor, para contribuir com a criatividade e seu desenvolvimento em todas as situações. Sendo assim, fica evidente a preocupação pedagógica que cabe aos professores considerando a importância de uma boa formação e de uma alternativa didática que ajude os alunos no processo criativo.

A atividade criadora, sendo considerada pela psicologia toda imaginação e fantasia, é algo novo criado a partir de materiais acumulados através da experiência, além disso é associada ao pensamento crítico e o dinamismo, de acordo com Vigotski (2009). O autor descreve também em seu livro *Imaginação e Criação*, os tipos de relação entre a realidade e a imaginação, considerando que nada se cria do nada, e que toda invenção teve alguma experiência/referência em algum momento. Ele explica uma dependência entre ambas partes, porque não somente a fantasia se cria a partir da realidade, como também a realidade foi criada a partir de uma ideia, criação, invenção, que se configura imaginação ou fantasia antes da concretização. Afirma então que o cérebro não é um órgão que se limita a conservar apenas experiências acumuladas, mas também tem a função de combinar e reelaborar criativamente experiências vividas, trazendo novas visões de mundo e compreensão da realidade. A imaginação e a fantasia são de extrema importância para o desenvolvimento da atividade criadora, seja no campo científico, técnico, ou artístico.

Tudo que é produzido pelo homem que seja diferente do existente na natureza, é atrelado à fantasia e à imaginação. Vigotski (2009) diz:

Chamamos atividade criadora do homem, aquela em que se cria algo novo. Pouco importa se o que se cria é algum objeto do mundo externo ou uma construção da mente ou do sentimento, conhecida apenas pela pessoa em que esta construção habita e se manifesta (Vigotski, 2009, p. 11).

O autor também aborda a criatividade como o resultado da interação entre o indivíduo e o contexto social, não como uma qualidade ou dádiva.

A atividade criadora é ligada de modo íntimo à memória, sendo que, de acordo com Vygotsky (2009), o nosso cérebro e os nossos nervos possuem enorme plasticidade, se modificando facilmente sob influências diferentes e conservando a experiência anterior, assimilando e elaborando o comportamento criador ou combinatório. Este que, significa uma atividade que sai da reprodução do velho, ou seja, de uma experiência anterior. O material é acumulado, e assim uma base é criada para a posterior fantasia. Logo após, acontece um processo complexo de reelaboração desse material. As informações são múltiplas partes separadas, as quais passam pelo processo de dissociação, que significa fragmentar todo o complexo da realidade em partes, algumas que se destacam e são conservadas na memória, e pelo processo de associação, onde essas partes são juntadas, resultando em uma criação. Sabendo disso, é preciso compreender o quanto a relação professor e aluno pode interferir na aprendizagem de cada criança de maneira distinta, considerando a sua vida e necessidades individuais. Além do que, o professor que não for sensível a essas necessidades deixará insuficiente o desenvolvimento do aprendiz e do processo criativo do aluno, que terá mais dificuldades com esse problema. Esse processo de criação se baseia a partir da unidade afeto cognição, que na fase inicial das crianças na escola ocorre e se desenvolve com funções como a memória, o pensamento, entre outras. Portanto, a postura de mediação trabalhada em sala pelo professor, com estratégias criativas e didáticas irão gerar mais motivação e espaço para que o aluno esteja livre para criar e se desenvolver criativamente.

Ainda de acordo com Vigotski, em seu livro *Psicologia pedagógica* (2001), o autor fala do processo criativo das crianças em detrimento da educação estética da Arte.

O problema da criação infantil se resolve, indiscutivelmente, no sentido de um valor pedagógico incomum, ainda que o seu valor estético autônomo esteja próximo de zero. O desenho infantil sempre é um fato alentador em termos educativos, embora vez por outra seja esteticamente feio, Ele ensina a criança a dominar o sistema das suas vivências, a vencê-las e superá-las e, segundo uma bela expressão, ensina ascensão ao psiquismo. A criança que desenha um cão vence, supera e coloca-se acima da vivência imediata (Vigotski, 2001, p. 346).

Aqui entende-se que a criação infantil, considerando o desenho, não tem uma preocupação de estar ligada a beleza estética esperada de um desenho que representa algo. Até porque, ainda no texto, o autor trata dessa problemática de corrigir o desenho infantil, explicando que mexer nos traços, nas linhas do desenho da criança, é uma interferência grosseira e prejudicial à estética da criança. A mesma que está, ao desenhar, experimentando a sua vivência com proporções não reais, focando no principal que ela quer representar e não copiando de maneira realista. Isso parte do psiquismo da criança, e não dá falta de entender como o mundo realmente é. Ela apenas não se subordina à realidade que está vendo, ela cria a partir de sua natureza interior, livremente, deformando as partes secundárias e consideradas menos importantes, e destacando as partes principais desejadas. A criança, nesse sentido de criação, não está apenas tentando representar algo com o desenho, mas está tendo uma experiência necessária para ela em suas possibilidades de vivência. Ela está criando uma nova versão da sua realidade com base no que já foi visto. A atividade criadora ocorre, então, quando a criança tem acesso às experiências de vida e sociedade, e consegue material para elaborar uma ideia.

1.2 CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para Vigotski (2009), a imaginação e a fantasia, no universo infantil, fazem parte importante da construção de novas imagens. As crianças, sendo o principal objeto de estudo dessa pesquisa, por sua vez, possuem uma grande chance de se desenvolver criativamente no ambiente escolar em que estão inseridas, pois nele elas entrarão em contato com, além da experiência de vida e novos elementos visuais e textuais, com professores que poderão desenvolver em sala trabalhos e métodos propícios à atividade criadora. E assim como para Mitjans Martínez (2007), contrariando a crença de que a criatividade seria um privilégio para poucos, selecionados culturalmente ou por um "dom divino", para Vigotski (2009) a criatividade não é rara, mas está presente sempre que a imaginação humana inventa, muda ou cria algo novo, por mais simples que seja. As crianças na educação infantil criam coisas o tempo todo, seja nas brincadeiras, nas relações e conversas, nas atividades em sala. Ainda de acordo com Vigotski (2009), a criatividade ocorre nas crianças de maneira distinta dos adultos. As crianças têm paixão pelo exagero, isso porque o estado interno delas tem interesse de posse às coisas notáveis, extraordinárias, especiais. Por isso, fica subentendido que a imaginação é maior, ou mais forte nas crianças do que nos adultos, e que as crianças são mais criativas por isso. Na realidade, a imaginação das crianças é considerada mais pobre comparada aos adultos. Isso porque, apesar de elas parecerem ter mais tempo, terem menos responsabilidades ou preocupações, a sua capacidade de criação depende da quantidade de material e de experiência, então, por terem menos destes, o

caráter, a qualidade e a diversidade de combinações que fizerem será mais pobre. A criação é uma condição necessária para existência, ela ultrapassa os limites da rotina e muda algo na vida humana.

Uma lei que subordina a atividade da imaginação é: "A atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia ". Então, quanto mais rica a experiência for, mais material a pessoa tem para criar na imaginação, diz Vigotski (2003). Pedagogicamente, existe a necessidade de ampliar a experiência das crianças para formar bases sólidas para a atividade da criação. Então, se na infância a criatividade funciona e se desenvolve de acordo com as informações dissociadas e associadas, essas crianças precisam ter a oportunidade de acessar e acumular, na escola, materiais diversos, como experiências e experimentações que tornem mais amplas essas criações. O professor é a principal referência dentro da sala de aula, e o maior propiciador da oportunidade de criação. Por isso, existe a responsabilidade de trazer essas informações, esse acesso para o aluno.

Na infância, vemos os processos de criação se expressando muito através de brincadeiras, onde as crianças às vezes reproduzem o que já viram, mas de maneira diferente da realidade. Isso não é uma recordação, mas sim uma recriação criativa das impressões que foram vivenciadas por elas anteriormente. Isso significa que as crianças também são dotadas da capacidade de criar, assim como qualquer pessoa "simples" e de qualquer idade. Porém, a vantagem das mesmas é a leveza em que carregam as suas fantasias e o tempo que a maioria terá livre para criar enquanto brinca ou enquanto inventa coisas novas. Nas brincadeiras, uma infinidade de informações do dia a dia podem ser associadas, assim como, então, os conteúdos escolares também podem ser utilizados de inspiração para a vida das mesmas. Aqui, é onde entra o trabalho pedagógico do professor utilizando o lúdico, pois se tratando de alunos da educação infantil, é preciso ter um planejamento utilizando diversas ferramentas para despertar o interesse e manter as crianças integradas nas atividades até o final da aula. E assim a criança, com a sua capacidade de criação, as informações e vivências como base, e o estímulo necessário juntamente de um bom planejamento, consegue criar.

Mitjans Martínez (2004) aponta que o pensamento de que a criança nasce criativa e que é o meio que a inibe ou a estimula não corresponde à concepção histórico-cultural, sobre essa questão afirma que:

O enfoque histórico-cultural, como já vimos, quebrou esta concepção do psicológico especificamente humano como inerente a uma natureza humana universal, o que implica que a criatividade não

pode ser vista como uma potencialidade psicológica com a qual o indivíduo nasce, mas sim como uma característica ou processo especificamente humano que é constituído nas condições culturais, sociais e históricas de vida de uma sociedade concreta (Martínez, 2004, p.85).

Então, para a autora, a criatividade não é uma potencialidade dada de nascença, mas sim um processo complexo da subjetividade humana construído a partir dos espaços sociais de vida individual. Por isso, a criança pode ou não desenvolver recursos para ter ações criativas em específicos contextos sociais. A criação infantil é dramática, ela não só cria a narrativa, mas imagina e interpreta os personagens criativamente. Portanto, crianças que não recebem abertura para viver e estimular a criatividade em seu meio social, principalmente a partir da escola e sociedade, tem esses processos prejudicados e isso atinge, além da imaginação e fantasia infantil, toda uma vida crítica e criativa no futuro.

Moreno (2006) aborda que é nos primeiros anos de vida que a criatividade é cultivada de maneira especial e diz que este é o momento ideal para se buscar a origem das diferenças de criatividade entre os sujeitos. Ela afirma que as crianças que apresentaram um maior nível de criatividade não só brincavam bastante com seus pais e irmãos, como os jogos preferidos destas crianças consideradas muito criativas geram mais fantasia e criatividade do que em casos de crianças com nível de criatividade considerado baixo. Ao se referir ao ato de contar histórias, por exemplo, a autora afirma que os pais das crianças, ao contar histórias, estavam em um nível mais alto de criatividade, pois além de contar as histórias e contos clássicos, conseguiam inventar outras histórias para contar aos filhos. Aqui é citado o entendimento de que a criação nessa fase da infância (primeiros anos) é muito importante, considerando que, à medida que o estímulo acontece, a criatividade da criança se desenvolve melhor. A escolha por brincadeiras criativas, o interesse da criação surge então, a partir do que já foi apresentado para a criança, a motivação existe porque antes disso houve o incentivo.

Vigotski (2009) diz que as crianças, no processo de imaginação criativa, fazem o redimensionamento dos objetos, criando um novo significado por meio de exageros ou de minimização, algo que mude os fatos. Geralmente as crianças mais novas suprimem partes dos objetos, aumentando ou diminuindo as suas dimensões. O prazer de criar uma nova dimensão aos objetos existentes revela a preferência do universo infantil quando narra histórias. E a brincadeira, considerando os anos iniciais na escola já observada por mim, é utilizada como ferramenta pedagógica pelos professores para despertar o interesse das crianças em aprender.

O professor do ensino infantil tem o desafio de envolver os alunos de forma interessante para manter a atenção deles e facilitar o aprendizado. Assim, ele cria um ambiente envolvente onde as crianças sentem curiosidade, realizam atividades lúdicas e interagem de diferentes formas. Esse desafio se torna uma problemática quando a preocupação de entreter as crianças durante as aulas para não perder o controle da turma toma o foco da aula e o aprendizado, juntamente com os conteúdos sólidos são substituídos apenas pela diversão. Vigotski (2009), sobre o aprendizado, enfatiza a necessidade da interação social e cultural para a criança, pois defende que elas aprendem melhor quando envolvidas em colaboração com outras pessoas. Ou seja, o ambiente também colabora com o aprendizado, considerando que as crianças precisam estar interagindo socialmente enquanto aprendem. Além da necessidade e do interesse da criação partir da criança, também existe a importância da criança estar inserida nesse ambiente propício à atividade criadora, para que o educador consiga realizar o seu trabalho.

Alessandra Arce e Lígia Márcia Martins (2021) apontam que:

Sem embargo, a educação tem a função de acompanhar o desenvolvimento infantil, respeitando a espontaneidade da criança e tendo o mínimo possível de intervenção nesse processo. Além disso, o professor deve oferecer atividades diversificadas na instituição de educação infantil a fim de que as crianças possam desenvolver suas capacidades criativas. É principalmente por meio das brincadeiras que elas internalizam seus conhecimentos, reproduzindo e interiorizando as relações e as atividades dos adultos de forma lúdica, tentando entender as diferentes situações (Arce; Martins, 2021, p.19).

As autoras afirmam que o professor, de acordo com a RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) deve proporcionar aos alunos da educação infantil brinquedos, espaço, tempo e a possibilidade de escolherem os temas, papéis e objetos da brincadeira para que ela seja espontânea e prazerosa. Ou seja, o professor deve mediar os alunos apenas mantendo os meios para que a brincadeira aconteça, intervindo apenas quando necessário. Assim, as crianças interagem entre si ou sozinhas, ampliam suas capacidades de aprendizagem de conceitos, códigos sociais, linguagens, experimentação, reflexão, elaboração de perguntas e respostas e construção de objetos e brinquedos. Explicam que os conhecimentos das crianças sobre o assunto dramatizado ainda encontram-se fragmentados, mas no decorrer da brincadeira elas tem a possibilidade de tomar consciência disso e generalizar para situações posteriores. Citando o RCNEI, utilizado também como base para o livro:

É preciso que o professor tenha consciência de que na brincadeira as crianças recriam e estabilizam aquilo que sabem sobre as mais diversas esferas do conhecimento, em uma atividade espontânea e

imaginativa. [...] Pode-se entretanto utilizar jogos, especialmente aqueles que possuem regras, como atividades didáticas. É preciso, porém, que o professor tenha consciência de que as crianças não estarão brincando nestas situações, pois há objetivos didáticos em questão (Brasil, 1998a, p.29).

É importante constar que, a brincadeira na educação infantil é um dos principais meios de interação entre os alunos e os alunos e o professor. Alessandra Arce e Lígia Márcia Martins (2021) disseram:

Pois é necessário que se brinque livremente para que se exerçam suas capacidades de imaginação e criação. A garantia na instituição do espaço para a ludicidade permite à criança estimular sua criatividade e sua cognição por meio da resolução de problemas que lhe são significativos, na compreensão singular sobre diversos conhecimentos, pessoas e sentimentos (Arce; Martins, 2021, p.26).

Ainda segundo as autoras, o professor oportuniza espaços de aprendizagem, articulando os recursos e as capacidades afetivas, emocionais, sociais, levando em consideração as singularidades de cada criança, trabalhando respeito, diversidade e promovendo a socialização. Ele atua como um facilitador, já que prepara o ambiente onde os alunos possam pesquisar e experimentar livremente, dentro de uma atmosfera acolhedora e afetiva. É citado que: "O prazer, o carinho e o afeto não se ausentam da escola, caminham lado a lado com as palavras banidas do Referencial. O eu infantil e a diversidade são respeitados, mas o professor não deixa de lado o ato de homogeneizar a sala de aula". E ainda, mostram que no documento é apontada a necessidade da criação de vínculos entre quem cuida e quem é cuidado, no caso, o professor tem o comprometimento de ser afetivo e solidário com as crianças da sala, ressaltando a importância da relação professor e aluno nesse processo.

2. O ENSINO DE ARTE E O TRABALHO PEDAGÓGICO

O capítulo 2 deste trabalho reflete a importância de uma preocupação pedagógica com relação ao ensino de arte e o desenvolvimento criativo dos alunos da educação infantil. No cenário atual, a arte é considerada uma área de conhecimento como as outras na educação, que inclusive contribui para a formação humana. E, atualmente, o ensino de arte na educação infantil tem sua importância mais elevada considerando as pesquisas atuais e autores como Eisner (1996), e, analisando como a arte é uma matéria que trabalha diversos aspectos do desenvolvimento do aluno, essa importância também passa a ser refletida socialmente. Uma criança explora sentidos em tudo o que faz, sendo os primeiros anos destes propícios à novas descobertas. A arte desenvolve, com isso, sentimentos, autoestima, capacidade de representação e expressão, excluindo a triste ideia de que o tempo destinado às aulas de arte serve para descanso, lazer, ou tempo livre por não ter o seu devido sentido.

O desenho, linguagem de arte mais conhecida pelas crianças, é considerado uma criação típica na primeira infância, pois as crianças passam por vários estágios no desenho e passam, em sua grande maioria, um bom tempo pesquisando o desenho com garatujas e experimentos de movimentos com materiais de arte. Nessa fase, as crianças estão descobrindo e exercitando seu pensamento, muitas vezes, de maneira involuntária e inconsistente. Quando testam gestos, linhas, movimentos, ritmos, estão praticando e melhorando as suas habilidades artísticas criativamente. Segundo Martins, Picosque e Guerra (2010): A criança olha, cheira, toca, ouve, se move, experimenta, sente, pensa... Desenha com o corpo, canta com o corpo, sorri com todo o corpo. Chora com todo o corpo. O corpo é ação/pensamento. Seu pensamento se dá na ação, na sensação, na percepção, sempre regado pelo sentimento. Convive, sente, reconhece e repete os símbolos do seu entorno, mas não é, ainda, um criador intencional de símbolos. Sua criação focaliza a própria ação, o exercício, a repetição. A criança está atenta e aberta às experiências e ao mundo, sem medo dos riscos, por isso arrisca-se... Vive intensamente. E vai construindo assim, frente aos objetos, às pessoas e ao mundo, suas percepções iniciais que influenciarão toda a sua subsequente compreensão de mundo. Ou seja, as crianças estão, no momento da brincadeira do desenho livre, criando combinações, criando cenários, possibilidades, enfim, criando. Então, na sala de aula, encontra-se uma problemática quando o professor de arte limita as oportunidades de novas experiências e descobertas focando as suas aulas na memorização e repetição dos conteúdos, sem estimular o pensamento crítico e a capacidade criativa dos alunos.

Para o trabalho pedagógico na educação infantil, é válido também considerar os apontamentos das autoras Alessandra Arce e Lígia Márcia Martins (2021) que disseram:

O conhecimento, a partir do exposto, deve ser, principalmente, adquirido de forma prazerosa e não diretiva nas salas de educação infantil, sendo a brincadeira espontânea o eixo norteador do trabalho. Há, assim, uma valorização dos saberes tácitos e úteis ao desenvolvimento infantil, sendo que a delimitação da funcionalidade desses se dá pela própria criança em seu processo de construção de conhecimentos (Arce; Martins, 2021, p. 28).

Elas afirmam que na educação infantil, a brincadeira deve ser o norte do desenvolvimento das aulas, fugindo de qualquer educação diretiva ou fechada, não livre para os alunos. Outra afirmação que elas fazem é de que não há transmissão de conhecimento de uma pessoa para outra, pois cada criança tem a possibilidade de atribuir significado individual ao mundo, à verdade e à vida, ressignificando e reinventando livremente, construindo então o seu próprio conhecimento. Sendo assim, cabe também considerar o que Vigotski (1991) fala sobre a questão da identidade e do pertencimento, ele diz que o desenvolvimento de um indivíduo não pode ser compreendido separado do desenvolvimento social/histórico. E que em um contexto de interações sociais e culturais, cada indivíduo constrói a sua identidade e conhecimento, se entendendo como pertencente a um determinado grupo e sociedade.

Pois, quando a criança constrói o próprio conhecimento e identidade, a partir das vivências e interações sociais e culturais, a forma como ela se percebe pertencente ao grupo social influencia no seu desenvolvimento cognitivo e emocional, afetando também a área criativa individual. Por isso, trabalhar em sala o pertencimento do coletivo, considerando a escola, e até mesmo a sociedade, contribui para que haja a criação das crianças.

O professor deve ser um facilitador nesse processo, estando atento e valorizando as potencialidades individuais de cada aluno. Em relação ao aprendizado de arte, aulas monótonas e sem sentido para os alunos acabam gerando o desinteresse. Até porque, a motivação de uma criança pode vir a partir de experimentar novos e variados materiais, explorar texturas, cores e formas, e curiosidades a partir do que o professor oferece em suas aulas. O trabalho pedagógico do professor de artes visuais deve ser pensado considerando as tendências e práticas pedagógicas, além dos aspectos que centralizam o desenvolvimento da criatividade, bases históricas e pedagógicas e a obrigatoriedade da arte no currículo para reproduzir conhecimento influenciaram no resultado da educação atual, sendo preciso reflexões e estudos para compreender como se dá o processo criativo e seus desdobramentos.

Alessandra Arce (2021) aponta no livro que para Leontiev, Elkonin e Vigotski, brincar não é uma atividade instintiva da criança. Brincar é uma atividade que possui um caráter objetivo, é a forma que a criança encontra de participar do mundo social criado por nós, dentro das possibilidades cognitivas, físicas e emocionais que possui para aquele momento do seu desenvolvimento. Ela explica que o professor deve levar atividades estruturadas e atividades abertas, sabendo sempre mediar a brincadeira para que os alunos se desenvolvam e que a aula não fracasse. O ensino na educação infantil não pode se reduzir a aulas expositivas e teóricas, como muitos acreditam que deva ser uma aula. O ensino na educação infantil, é o momento em que o professor leva a criança a formar conceitos e a confrontar conhecimento. Também é o momento da produção intencional da necessidade de conhecer, explorar, descobrir, então a transmissão ocorre com o acesso ao repertório do professor, com temas e conhecimentos que ele deixará disponível aos alunos, que vão aprender a partir das próprias experiências.

A autora fala do pensamento sustentado compartilhado, que funciona como uma interação do professor preparado para isso durante as aulas, por exemplo, o professor não chega dando ordens externas à brincadeira sem compartilhar com os alunos. Ele participa propondo argumentos para o jogo ou modificando o curso do mesmo, introduzindo condições e ações na brincadeira.

Como o motivo que leva a criança a brincar está calcado na realidade cotidiana vivenciada por ela, é importante que o adulto/professor amplie os horizontes da criança e, ao pensar junto com ela, problematize as situações e as relações observadas. Quanto mais a criança compreender e conhecer a realidade circundante, mais ideias poderá mobilizar na brincadeira de papéis sociais (Arce, 2021, p. 90).

Também cita que:

O professor deve utilizar-se do envolvimento que possui com a criança para fomentar o pensar junto, desafiando-a intelectualmente. Sim! desafiando a intelectualmente, porque situações de interação, de pensamento compartilhado sustentado que não são desafiadoras acabam por perder o significado, gerando o desinteresse da criança (Arce, 2021, p. 20).

A fantasia e a imaginação, presentes no momento da brincadeira, não aparecem como uma válvula de escape da realidade, criando universo paralelo ao dos adultos. Na verdade as brincadeiras são utilizadas como pontes a auxiliar a criança a vivenciar o mundo, fazendo de conta que são adultos. Ali a criança atua de acordo com as regras estabelecidas para a realização de atividades em nosso convívio social, sendo movidas pela realidade objetiva e não pela fantasia.

Ao brincar, de acordo com Vigotski (1929), a criança faz coisas que não seriam consideradas típicas para a sua idade, elas interagem com o mundo à sua volta tentando compreendê-lo. Assim, o uso da fantasia e a criação de situações imaginárias, ou de faz de conta, aparecem como libertadoras. A criança pode, então, extrapolar sua real condição, realizando ações impossíveis no mundo adulto para o seu tamanho e sua idade (Arce, 2021). A autora também fala que o primeiro passo para a criança na brincadeira é a exploração sensorial do mundo e dos objetos, seguidos pela compreensão dos seus significados. Depois, a criança atribui significações lúdicas ao que acaba de descobrir, e passa a não somente imitar e reproduzir as ações do adulto, mas também a complexificar as suas ações envolvendo as descobertas.

Ainda considerando o trabalho pedagógico do professor, Alessandra Arce e Lígia Márcia Martins (2021) apontam sobre a educação das crianças: “Direito de sentir emoção, de se divertir, de ampliar o mundo, de conhecer, de ter contato com o livro, de aguçar a curiosidade, de imaginar e criar, de lidar com seus conflitos, de conhecer livros e autores, de viver coletivamente, de estreitar as relações e de sentir prazer” (Arce; Martins, 2021, p.186).

Aqui, vemos que as autoras expressam a importância do acesso aos livros para as crianças. Falam que a criança tem o direito de ouvir histórias e viver a fantasia e o encantamento. E diferentemente de como o incentivo a leitura das crianças acontecia antigamente, desde que os contos foram inventados para encantar os pequenos ao mesmo tempo em que ensinava virtudes para uma "boa formação" (até o século XIX), hoje existe uma preocupação com a criança que, com sua própria subjetividade pode se apropriar do livro e não somente se moralizar através de uma história. A criança deve ter a chance de viver esse momento rico e prazeroso, como reafirma em seguida falando que:

Não restam dúvidas de que contar histórias na Educação Infantil contribui com a formação global da criança. Tal prática, além de favorecer a relação afetiva da criança com o livro, desde a mais tenra idade, proporciona momentos de prazer, desperta a curiosidade, criatividade, fantasia e a imaginação (Arce; Martins, 2021, p 196).

3. PESQUISA DE CAMPO: A CRIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS AULAS DE ARTE

Este capítulo reflete a parte da pesquisa em que obtive dados sobre o processo criativo das crianças da educação infantil em uma escola municipal, na cidade de Campo Grande (MS). A pesquisa de campo se iniciou com a observação de uma turma do grupo 4 - Educação Infantil, onde pude participar de aulas e entrevistar algumas crianças. Tive acesso a essas aulas através do Programa Residência Pedagógica, o qual faço parte como bolsista, onde pude fazer a observação em um dos núcleos (escolas) participantes. Iniciei a coleta de dados na escola para uma compreensão breve, observando a realidade dos processos de criação das crianças, dessa fase escolar, na prática. As crianças do grupo 4, em geral, estão ainda começando com o desenho figurativo, fazendo garatujas e representações com formas simples. Então para entender onde está a criação das crianças e como elas criam, utilizo como base o principal teórico deste trabalho, Vigotski (2009). Os fundamentos que compreendi a partir das obras do autor, me levaram a observar com atenção os detalhes nas atividades das crianças e perceber como a criação das mesmas ocorre na prática. E além da observação participante, utilizei para complementar a base desse capítulo o relatório de um módulo da Residência Pedagógica, de um integrante do projeto, e também realizei uma entrevista com um professor de arte da rede municipal de ensino, que atua na educação infantil, e participa do Programa da Residência Pedagógica.

3.1 AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL CRIANDO EM SALA DE AULA

As crianças dessa turma do grupo 4 são geralmente muito participativas nas aulas de arte, não teve nenhum aluno excluído da atividade proposta ou disperso demonstrando desinteresse, e eles produziram durante todo o momento da aula. A primeira atividade prática da semana observada foi a criação individual de um personagem, que poderia ser da vida do próprio aluno ou totalmente fantasioso. A aula seguinte refletiu na atividade anterior, agora, as crianças teriam que criar a história desse personagem, com elementos como nome, onde mora, do que ele gosta, e representar isso em um desenho. O resultado foi bastante interessante, algumas crianças não se lembravam bem do que haviam feito dois dias antes, mas criaram um novo personagem e uma história completa para essa aula. Outros, já haviam criado o personagem e a história com vários detalhes, que só iam aumentando conforme o andamento da aula.

Figura 1 - Desenho de dinossauro

Fonte: arquivo pessoal

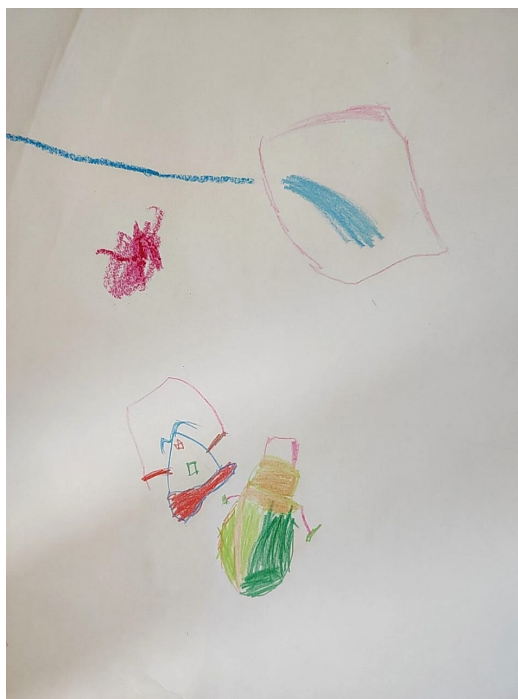
Perguntando aos alunos sobre o que significava o seu desenho, obtive respostas interessantes. A resposta do aluno que desenhou a figura 1 foi: "Aqui o dinossauro gigante está tentando derrubar a casa, ele é maior que a casa, a árvore, e tudo. Ele é forte, consegue derrubar uma casa com o homem dentro." Perguntei quem era o homem, e ele disse que não sabia, o personagem é um dinossauro colorido. Achei interessante que ele começa desenhando o dinossauro (seu personagem) e foi criando a história enquanto desenhava o restante, e as proporções do desenho mostram exatamente o que ele queria representar com a cena. Perguntei sobre o uso das cores, ele disse que gosta de várias, então usa todas as que gosta. Aqui me deparei novamente com o entendimento de quando Vigotski (2001), fala sobre as proporções dos desenhos das crianças, em detrimento da educação estética da Arte, pois mesmo que pareça esteticamente feio, ou diferente da realidade, a criança está aprendendo a dominar o sistema das suas vivências, e a vencê-las e superá-las. O aluno desenhou de acordo com a história criada por ele, dominando o sistema das suas vivências, vencendo e se superando das mesmas. Percebo que, além da proporção do desenho, o uso das cores também faz parte da ideia elaborada (a criação), pois ele diz que gosta das cores, e não que já as viu em algum modelo de referência que o inspirou/influenciou.

Figura 2 - Desenho de personagem



Fonte: arquivo pessoal

Outro desenho (figura 2) me chamou atenção nessa aula, pela quantidade de elementos e cores presentes. Ao perguntar ao aluno sobre o seu personagem e a história, não consegui entender totalmente a ideia por conta da sua fala não ser tão desenvolvida. Consegui entender algumas palavras pedindo para que ele repetisse, e as respostas foram: "Ele é o personagem dos super poderes", "Ele é grande" e "Está atirando nele". Deu a entender que estava acontecendo uma luta entre o personagem principal e outros, já que tem várias figuras na composição. O que mais me prendeu no desenho, tentando descobrir o significado, foi justamente a quantidade de figuras na composição, pois dá a entender que ele estava criando uma narrativa enquanto desenhava.

Figura 3 - Desenho de “homem morto”

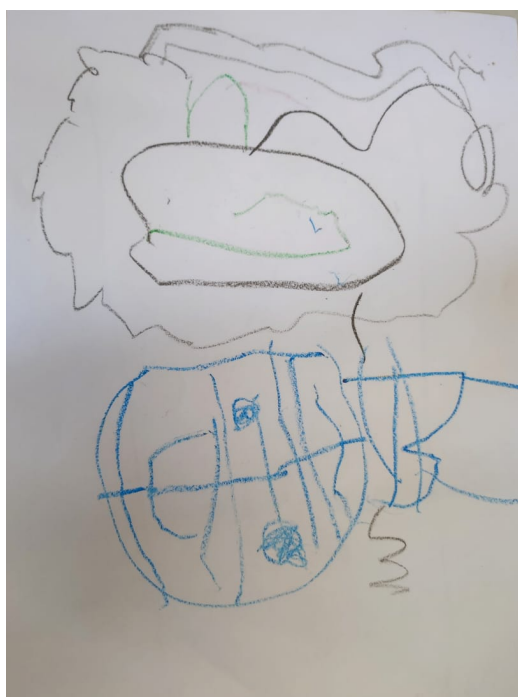
Fonte: arquivo pessoal

O próximo desenho que achei interessante nessa aula, foi a figura 3. A discussão (os comentários e reações) dos colegas foi o que me chamou a atenção. Pois ao ser perguntado sobre a atividade, o aluno respondeu somente “O homem matou o outro homem, e saiu muito, muito sangue”. A partir daí, o colega sentado a frente olhou meio espantado, o outro que ouviu levantou e foi na mesa dele olhar de perto, e ficou um tempo admirando. Pensei no motivo do espanto e da atenção que o desenho teve nesse momento, apesar de ter sido uma resposta tão pequena. E logo me lembrei do fator curiosidade, e de que quando os alunos ouvem algo atípico ou dramático, exagerado, logo querem saber do que se trata. A morte não é uma coisa incomum na vida das crianças pequenas, assim como na dos adultos, mas apesar de ser natural, assim como muitos temas (considerando que os alunos nessa faixa etária estão na fase de aprender até mesmo um vocabulário simples) ela não é bem entendida. Por isso, ao falar da morte, e colocar ênfase no sangue, as crianças logo se interessaram. Isso me lembra de que Vigotski (2009) fala sobre a invenção da criança ter por trás alguma referência de algum momento da vida dela. Em sua experiência, essa criança teve acesso a um acontecimento que envolveu morte e sangue, seja na vida real, história contada, ou com base em alguma história (filme, novela) enquanto outras ainda não tiveram. Esse aluno está criando uma nova versão da sua realidade com base no que já foi visto (Vigotski 2001), então, quando ele pega o material que se apresenta em distintas

realidades e se faz presente na sociedade em que vive, esta criança elabora uma ideia, e nesse contexto, está criando. Pereira (2009) completa esse pensamento quando diz:

A arte cria sentidos para ler o cotidiano, apresenta maneiras de superar o comum e aprofundar-se nas idéias sobre o convívio social. Ela é uma possibilidade de criar sentidos ao já posto, de transcender a realidade, abrindo frestas para a imaginação criadora. Essa magnífica capacidade humana de imaginar permite alterar o cotidiano ou, pelo menos, encontrar espaços para compreender de outra maneira a realidade que nos cerca (Pereira, 2009, p.8-9).

Figura 4 - Desenho Homem-Aranha



Fonte: arquivo pessoal

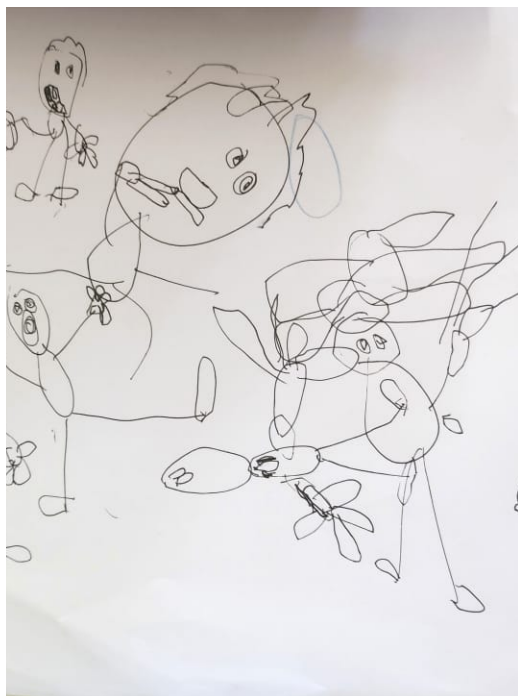
No desenho da figura 4, podemos observar a representação de um personagem famoso, que circula nas mídias e se apresenta para diferentes faixas etárias, por vezes, muito presente no imaginário das crianças. No desenho, o homem aranha aparece a partir dos traços da criança e da maneira como ela reinterpreta o personagem. Ao perguntar ao aluno quem era seu personagem, ele me respondeu: "Não parece o homem aranha porque tá azul, mas é o homem aranha que eu gosto, de azul. Do lado dele estão seus super poderes". Pedi para que ele me explicasse quais são os super poderes do personagem, ele respondeu "Força e super poderes de teia". Aqui, achei muito importante visualizar que o aluno teve a ideia de trocar a cor do personagem, e perceber que ele tinha consciência do que estava fazendo, pois até iniciou a resposta se explicando. Entendo com isso, que essa criança teve a intenção de criar algo com base em uma coisa que gosta, que é o super

herói. Mas não deixou de modificar o que foi visto em sua realidade, pois não apenas copiou tentando representar o que já conhecia. Assim, como também disse Vigotski (2009), a criação é associada ao pensamento crítico e o dinamismo, então, o que pode parecer apenas um simples desenho de memória, é na verdade uma iniciativa de construir algo novo, ou seja, de criar. Ele poderia apenas copiar o seu personagem favorito, mas ele preferiu o transformar em algo um pouco diferente, a partir de sua imaginação. PEREIRA (2009), sobre essa capacidade crítica da criança, fala que:

Quando inventa uma determinada forma, está estabelecendo um diálogo, pois utiliza uma linguagem da arte para dar forma a uma ideia que foi deflagrada pela proposta do professor. A produção é, ao mesmo tempo, resposta, solução e transformação. Há, na criação artística do aluno, uma tentativa de corresponder ao que foi pedido, mas também de revelar a si mesmo. Na criação há uma marca pessoal (Pereira, 2009, P.12).

É nessa marca pessoal, mencionada pela autora, que compreendemos esse universo da criação, da possibilidade de inventar e reinventar os símbolos presentes em seu dia a dia e dos processos de criação, influenciados pelo que vêem, ouvem, sentem etc.

Figura 5 - Desenho “Avocado”



Fonte: arquivo pessoal

O desenho da figura 5, foi me explicado antes mesmo de eu perguntar. O aluno me mostrou um lápis com um abacate de silicone na ponta e disse: "esse é o Avocado", apontado para a primeira figura que desenhava. Não pude deixar de lembrar do nome da fruta traduzido para o inglês, e perguntei em seguida se era um abacate, mas ele respondeu: "Não, é o Avocado". Como eu estava em observação, andava pela sala olhando todos os desenhos e perguntando aos alunos sobre os mesmos. Quando voltei a mesa desse aluno, ele já havia desenhado mais duas figuras, então decidi esperar um pouco e ver o processo dele desenhando. Perguntei sobre a história do personagem, e percebi que ele estava criando conforme desenhava. Por exemplo, quando cheguei, ele disse que ali estava o "Avocado" sozinho e chegou um outro para tentar matar ele. Perguntei qual era a outra figura, e ele pensou bastante e não respondeu, enquanto já desenhava mais figuras. Esperei ele terminar, e pedi para me contar a história do que aconteceu ali. Ele disse "Esse aqui tentou matar ele, aí apareceu um super herói, matou o outro e salvou ele". Pela narrativa, e pela repetição na explicação quando apontava os personagens e questionava quem eram, percebi que esse aluno fez na verdade, em seu desenho, essa mesma narrativa, e repetiu os personagens de maneira diferente. Ele entendeu que para criar a história do seu personagem, não bastaria desenhá-lo apenas uma vez, então o desenhou em todas as suas etapas. A criação aqui, pude notar que se deu de maneira espontânea e divertida, pois ele criou um personagem e deu nome a partir de uma referência, criou uma história com começo e fim para ele, e representou de todas as formas que quis, livremente, criando também uma narrativa em forma de composição no papel.

Observando o plano de aula (que me foi cedido para estudo), pude perceber a partir dos objetivos específicos que eram: "(CG.EI03TS02.s) Expressar-se, livremente, por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais." e "(CG.EI03TS02c.d) Explorar e criar desenhos, pinturas, colagens e modelagens, a partir de seu próprio repertório e do uso dos elementos de linguagem das Artes Visuais." que a criação das crianças da educação infantil acontece com bastante frequência, principalmente considerando que estão em processo de desenvolvimento da fala e da ampliação de vocabulário, e a maneira de se expressar na maioria de vezes envolve a fantasia com o corpo e com o desenho. Achei incrível como a criação pode ser perceptível quando analisamos os desenhos, por mais simples que pareçam, e como as crianças, a partir de um estímulo, que foi bem mediado pelas residentes, reagem de maneira a buscar respostas para as provocações que lhes foram feitas. Na aula anterior a aquela onde os alunos fizeram os desenhos mencionados acima, foi explicado sobre o que é um personagem, com direito a exemplos de vários personagens infantis famosos. A partir disso, as crianças mesmo já se lembraram dos personagens que conhecem e que gostam. Esse

foi o estímulo. E as crianças se sentiram instigadas a criar um personagem tão legal quanto os que conheciam, levando eles a realizarem a atividade de maneira prazerosa.

Assim como descrevi acima na experiência de observação às aulas da educação infantil, pude refletir em mais aspectos do trabalho nas aulas de Arte a partir do relatório de um integrante da residência pedagógica. Nele, que é basicamente um relato de experiência, tive acesso às ideias obtidas a partir de outras vivências em sala de aula. O residente descreve o momento inicial do projeto na educação infantil, grupo 4, como um grande desafio, já que as crianças estão tendo seu primeiro contato com a escola e com novas pessoas nessa fase. Com isso ele cita a dificuldade de adaptação que muitas crianças têm ao iniciar as aulas, me fazendo lembrar de quando, em minha observação, também assisti crianças chorando e não querendo ficar na escola desde o momento em que chegam na sala e sentem falta da família. Assim, percebo a importância da construção de vínculos das crianças entre elas mesmas e com os professores, pois somente estabelecendo uma relação de confiança, as crianças ganham segurança para estarem naquele ambiente. O residente, diz no relato também, que a principal proposta de trabalho que teve foi pensando justamente nisso, incentivando o trabalho coletivo para que eles se relacionassem e ainda pudessem compartilhar o aprendizado. Além disso, utilizaram a estratégia de trabalhar com aulas dinâmicas e diferentes, visando chamar a atenção e surpreender as crianças para que as aulas fluam. O lúdico na educação infantil não é simplesmente uma alternativa, mas uma necessidade que se apresenta, um meio para que as crianças vivam esses primeiros momentos na escola e construam relações de afeto e pertencimento.

A criação na prática, então, considerando os alunos da educação infantil nas aulas de arte, a minha observação participante e os dados coletados na pesquisa de campo, ocorre a partir de diferentes demandas articuladas aos saberes dos alunos, do professor, da sociedade, intervenções, sugestões, e isso significa que quando o aluno cria, todos esses elementos estão presentes no processo de criação. Afinal,

A criação se institui a partir da cultura, mobilizando elementos que constituem o campo simbólico. Esses elementos são retirados do cotidiano coletivo, das interações ocorridas na sala de aula, das trocas entre pares e na relação professor-aluno, em que as opiniões do professor têm papel importante na negociação. Ele é o parceiro mais experiente e, ao mesmo tempo, o avaliador do processo, aquele que deve olhar de dentro e de fora e julgar a produção a partir de concepções particulares sobre o que considera ou não um bom projeto artístico. (Pereira, 2009, p.13)

Nesse sentido, compreendo que a relação professor, professora e aluno se faz o tempo todo, nas rodas de conversa, nas interações nos momentos das atividades, nas brincadeiras e também, naqueles momentos de contato individual. O vínculo nesse nível de

ensino é fundamental e contribui para que a criança se sinta acolhida, parte de um grupo em que vai estabelecer as primeiras relações sociais, para além das familiares. É o momento de apresentar o mundo e suas possibilidades, de viver pequenos desafios e exercitar a autonomia e suas potencialidades enquanto pessoa.

3.2 O PROFESSOR NAS AULAS DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste item, me propus a analisar as respostas concedidas pelo professor de arte, atuante na escola municipal, da qual recebe os bolsistas da Residência Pedagógica de Artes Visuais (edital 2022-2024). Para atender ao objetivo desta pesquisa, foram elaboradas cinco questões e enviadas ao respectivo professor, que retornou em audios de WhatsApp, sendo possível a esta pesquisadora, formular novas questões a partir das respostas iniciais.

Ressalta-se que essas questões são relacionadas à percepção do professor em relação ao contexto que os processos de criação acontecem, especificamente em seus grupos de alunos. Isso me permite, uma compreensão inicial sobre a rotina escolar e o universo de ações que envolvem as práticas pedagógicas desse professor. A seguir, disponibilizei as perguntas realizadas e as respostas dadas pelo professor, a fim de compartilhar a íntegra de suas respostas. Vejamos a primeira questão: Como é trabalhar como professor de Arte na educação infantil? Em sua formação, existiu um preparo para trabalhar com esse nível escolar?

Trabalhar na educação infantil é um desafio diário. Exige muita predisposição física, tendo em vista que as crianças exigem muita atenção e cuidado. Então, toda hora tem que estar atento e disposto a andar pela sala, abaixar para amarrar os sapatos. Em minha formação, fiz apenas a observação da educação infantil no estágio obrigatório, e poucas aulas e disciplinas na graduação eram voltadas ao assunto (Professor entrevistado, 2023).

A resposta da primeira pergunta mostra que não foi apenas em minha formação que a educação infantil não foi muito mencionada em aulas e disciplinas, e conversando com colegas do curso que passaram por outras turmas, sempre obtive a mesma resposta. Assim, sinto ainda mais a necessidade de buscar entender essa falta no currículo. Pois, como ter um preparo adequado para ensinar Arte, desenvolver os conteúdos e o fazer artístico, e mediar a criação na educação infantil, se pouco se entende dessa fase escolar? Volto a mencionar Arce e Martins (2021) nesse momento, pois entendo que a importância da educação infantil no curso de Artes Visuais, assim como no sistema de educação escolar, não deve ser menor em comparação com os outros níveis. Um professor nas aulas de Arte

na educação infantil trabalha, assim como os outros professores dessa fase, de maneira lúdica para garantir que os alunos se envolvam nas atividades.

Na segunda questão, pedi ao professor que respondesse: O que mais chega nas aulas de Arte na educação infantil? Conteúdos, linguagens artísticas, abordagens. Como você prefere ensinar Arte para a educação infantil? Em sua resposta, o professor menciona que: “O que mais chega são conteúdos lúdicos para a formação de uma identidade a partir de linguagens artísticas. Eu trabalho bastante com o conteúdo de arte a partir de atividades práticas.” (Professor entrevistado, 2023)

Compreendo a partir da resposta do professor que, a experimentação é muito importante nas aulas de Arte, e ele diz que as crianças se envolvem com dinâmicas corporais, e por isso ele trabalha com atividades práticas e faz uma avaliação diagnóstica no decorrer das aulas, analisando o que é mais viável utilizar no repertório das aulas, considerando o que é bem aceito pelos alunos.

A partir dos apontamentos realizados pelo professor entrevistado, considero a partir de Pereira (2009), que a sala de aula pode ser um espaço poderoso para a criação, e que partindo de propostas pedagógicas bem estruturadas, os alunos são capazes de criar soluções, formular hipóteses, reinterpretar velhas proposições. A autora considera que:

É indispensável que as relações entre os sujeitos na sala de aula e os conteúdos sejam estabelecidas como maneira de aprofundar o conhecimento sobre os objetos. Por isso, é necessária clareza no papel do professor como autoridade, como mediador, como propositor que deflagra caminhos (Pereira, 2009, P.11).

Portanto, ainda de acordo com Pereira (2009), é preciso uma proposta clara feita pelo professor, em que impulsiona o processo criativo dos alunos. Afinal, durante os procedimentos de criação, os alunos solicitam a ajuda do professor: pedem opiniões, ajuda, revelam suas intenções.

Considero que nesse momento, o professor deve atuar questionando, sugerindo leituras, pesquisas, apontando outros caminhos, garantindo que o conhecimento sobre o objeto vá se aprofundando. Toda interferência deve ser intencionalmente voltada para auxiliar a trajetória, e não para atrapalhar os processos. “As questões feitas aos alunos devem ser suficientemente desafiadoras para a continuidade do processo e cuidadosamente adequadas à faixa etária e ao nível de conhecimento”. (PEREIRA, 2009, p. 15).

Continuando com as indagações feitas ao professor, na questão número três, pedi que respondesse: Como funciona o processo criativo das crianças no dia a dia, na rotina da sala de aula? Para essa questão, o professor infere que:

Nessa idade é mais importante o que eles falam sobre o desenho do que o próprio desenho. As crianças dessa fase copiam muito, principalmente da indústria cultural (personagens como o Homem Aranha, Naruto, Super heróis) e copiam uns dos outros. Cansamos de ver um aluno começar um desenho, e toda a turma passar a fazer igual. Então, o que mais vemos na sala de aula é a imitação. O grupo 4 está começando com o figurativo, então é muito comum o desenho de palito, o desenho estereotipado, muito difícil fugir desse padrão. A criança tem menos referência, então para ela é mais fácil criar, pois qualquer coisa que ela pensa, com poucos elementos para compor ela já cria. O adulto lembra que muita coisa existe, então precisa de muito mais elementos para uma criação. (Professor entrevistado, 2023)

Falando novamente de criação na prática, a partir da resposta da terceira pergunta sobre o processo criativo das crianças, fica notável que o professor enxerga a cópia no trabalho dos alunos como uma problemática que compete ou se contrapõe com a criação. Mesmo assim, o professor diz que, em sua visão, para as crianças é mais fácil criar, porque ela cria com menos elementos. Enquanto os adultos, por terem mais referências, precisam de mais elementos e é mais difícil compor algo novo. Isso me faz refletir sobre a insegurança na criatividade. Pois, será que o processo criativo das crianças é mais fácil? A criação das crianças, por ser ingênua e desprendida, se torna mais livre e espontânea? Os adultos se preocupam demais com o que estão criando? Às vezes uma imitação da criança anda em conjunto com a criatividade, pois a associação de materiais já existentes que resultam em uma ideia nova, denomina-se criação (Vigotski, 2009). Pensando assim, entendo que as crianças, mesmo tendo uma quantidade menor de referências em comparação aos adultos (Vigotski, 2009), possui uma enorme capacidade de criar, e dependendo da vivência individual, pode criar mais do que os adultos, sendo que muitos podem não ter acesso a referências, a uma mediação adequada, ou até mesmo o estímulo, que pode ser construído ou destruído em cada experiência.

Para a quarta questão proposta ao professor entrevistado, pedi o seu entendimento sobre: O que mais estimula as crianças da educação infantil? Relate ações que foram mais ou menos bem sucedidas. Sobre essa questão, o professor fez o seguinte depoimento:

Na educação infantil, eles são bem receptivos à produção de qualquer tipo de atividade. Sobre a aula ser bem sucedida é difícil mencionar, mas geralmente as crianças preferem e se desenvolvem melhor com atividades que envolvam dinâmicas corporais.” (Professor entrevistado, 2023)

Aqui, a fala do professor me remete ao texto de Cunha (2017), pois, assim como Vigotski (2009), a autora diz que as crianças não são "potencialmente criativas", como se a capacidade criativa fosse um dom, e que esse pressuposto induz propostas pedagógicas

com poucos desafios. Ela fala que: "Na prática, professores acabam apenas disponibilizando materiais e fazendo algumas perguntas para que as crianças desenvolvam a sua dimensão criativa" (Cunha, 2017, p.26), além disso, a autora menciona que, "Crianças, assim como adultos, precisam ser aguçadas, desafiadas, para serem ainda mais criativas" (Cunha, 2017, p.26).

Reflito então, a partir disso, que as crianças pequenas precisam ter, em sala, o estímulo necessário para a criação, e que o trabalho pedagógico deve ter essa preocupação para que a mediação ocorra e os alunos construam os materiais necessários para criar. E pensando na mesma reflexão, percebo o quanto a relação professor e aluno na educação infantil precisa ser considerada e estudada, pois o processo ensino aprendizagem, nesse nível de ensino, tem profunda relação com o vínculo estabelecido entre professor/professora e alunos, pois a partir dessa relação, compreendemos, de acordo com Pereira (2009), que a criatividade das crianças pode ser tanto impulsionada, quanto bloqueada ou limitada. A autora afirma que é possível refletir sobre uma arte dialogada (Pereira, 2009), ou seja, uma negociação de sentidos (aquilo que na sala de aula é aceito pelo grupo) como, gostos, usos e costumes transformados em obra pelo aluno que se torna produtor, valendo-se de elementos do processo de ensino-aprendizagem. De acordo com a autora,

[...] Arte dialogada, nesse contexto, é a produção artística desenvolvida em sala de aula, estabelecida na confluência entre o conhecimento sobre obras de arte, as interferências do professor e dos alunos entre si, em relação à cultura vivida na escola. São postulações estabelecidas entre sujeitos que têm uma história particular trazida para a sala de aula como repertório e postas em diálogo com outros repertórios. (Pereira, 2009, p.12-13).

Na última pergunta, foi questionado ao professor entrevistado: O que mudou nas suas aulas desde o início da sua experiência com a educação infantil até agora? Para essa questão, o professor fez a seguinte reflexão:

Muita coisa mudou. Desde o modo como entro na sala de aula e faço os combinados, até o jeito de dar bronca e chamar atenção. No quesito atividades, ainda realizo bastante a experimentação, e se vejo que as crianças gostaram e é viável colocar no repertório de atividades, quando não é propício, não uso mais. (Professor entrevistado, 2023)

Então, a partir do diálogo constante e o aluno estando atento ao professor, produz uma obra que considera válida para o grupo social. E durante a criação, espera que o professor aprecie seu trabalho, dê uma orientação, que dialogue sobre o mesmo. E é nesse momento de interação que o aluno cria certezas e checa suas dúvidas, pois a interferência do professor auxilia o aluno e o instiga a realizar o projeto (Pereira, 2009, p.15). E o

professor, percebendo o que é aceito pelos alunos, constrói atividades que contribuem com a produção das crianças.

A partir dessa entrevista, consegui além de mais dados sobre as aulas de Arte na educação infantil, entender um pouco da visão de um professor que vive a realidade aqui pesquisada. As perguntas foram elaboradas por mim pensando justamente nas informações que havia obtido na observação, para complementar o repertório sobre a relação professor e aluno em função da criação das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em cada etapa desse estudo, enquanto pesquisava, pude aprender com as minhas experiências e também com relatos compartilhados comigo. Então, a partir disso, compreendi questões do campo criatividade, o que se tratando do meu principal e inicial objetivo, se torna satisfatório enquanto alcançado. Considero que ao conseguir entender e descrever como ocorre a criação das crianças da educação infantil, e compreender mais sobre as aulas de Arte nesse nível de ensino na realidade, contemplei, em grande parte, o que estive buscando durante o processo. Neste trabalho, abordei nos dois primeiros capítulos, a criatividade em conceito, em função das aulas de arte na educação infantil. Trouxe dados a partir de relatos de experiência e de estudos sobre o tema, integrando o trabalho pedagógico e a relação professor e aluno até o terceiro capítulo, quando pude responder as principais questões que me levaram a esta epistemologia, fechando o trabalho de maneira descritiva contando com a pesquisa de campo.

Concluo que a minha pesquisa ainda caminhará para novas linhas, as quais pretendo continuar investigando. Principalmente porque percebo a existência de muitas outras questões envolvendo o trabalho pedagógico no ensino de Arte na educação infantil, e tendo o conhecimento da falta de pesquisas sobre o tema, sinto a necessidade de discutir ainda mais os aspectos relacionados a este estudo, que está relacionado ao terceiro capítulo deste trabalho.

Com isso, além do grande preparo que sinto para a minha vida profissional, alcançado através dessa pesquisa, sei que a mesma pode colaborar com estudos posteriores e ajudar outros colegas de profissão. Espero, assim, contribuir principalmente com a ampliação das discussões entre os estudantes da área de Artes sobre a Educação infantil, conteúdos, práticas pedagógicas, e também, despertar o interesse sobre o processo criativo das crianças nas aulas de Arte.

REFERÊNCIAS

ARCE, A; L. M. MARTINS, **Quem tem medo de ensinar na educação infantil?** Editora Alínea, 2021.

ARCE, A. **Interações e Brincadeiras na Educação Infantil.** Editora Alínea, 2021.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. (Orgs.). **Arte contemporânea e Educação Infantil: crianças observando, descobrindo e criando.** Porto Alegre: Mediação, 2017.

DEWEY, J. **Democracia e Educação:** Introdução à Filosofia da Educação. Tradução de Godofredo Rangel. Editora Nacional, 1959.

EISNER, Will. **Arte e Criação de Mentes.** Devir, 1996.

FERNANDES, Vera Lúcia Penzo. **Criatividade, da reprodução à inclusão.** Editora Appris, 2016.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** 9ª ed. Cortez, 2013.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **A prática Pedagógica Histórico-Crítica na educação infantil e ensino fundamental.** Autores Associados, 2011.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Teles. **Teoria e Prática do Ensino de Arte.** FTD, 2010.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Criatividade e saúde nos indivíduos e nas organizações. In VIRGOLIM, Angela M. (org). **Talento Criativo: expressão em múltiplos contextos.** Editora UnB, 2007.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. O outro e sua significação para a criatividade: implicações educacionais. In **O outro no desenvolvimento humano.** Diálogos para a pesquisa prática profissional em psicologia. Pioneira Thomson Learning, 2004.

MORENO, J. B. **Introdução à Psicologia da Criatividade.** Loyola, 2006.

PEREIRA, Katia Helena. **Como usar Artes Visuais na sala de aula.** São Paulo: contexto: 2009.

PEREIRA, Keila. **O ensino de Artes Visuais na educação infantil.** 2011. Monografia (Especialização em ensino de Artes Visuais) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011.

PROFESSOR ENTREVISTADO. Entrevista concedida para este trabalho por meio de endereço eletrônico.. Campo Grande, 2023.

Referencial Curricular - REME:educação infantil (Versão preliminar). Campo Grande-MS : SEMED/SUPED, 2020.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**: Teorias da Educação, Curvatura da Vara, Onze Teses sobre Educação e Política. 42ª ed. Autores Associados, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **Criação e Imaginação na Infância**: ensaio psicológico. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **Manuscrito de 1929**. Educação & Sociedade [online], 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>. Acesso em: 10 set. 2023.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. Tradução Paulo Bezerra. Editora Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ANEXO I – ENTREVISTA

Entrevista realizada com professor do ensino infantil por meio de endereço eletrônico (WhatsApp) no ano de 2023. Perguntas da entrevista:

1. Como é trabalhar como professor de Arte na educação infantil? Em sua formação, existiu um preparo para trabalhar com esse nível escolar?

Resposta: Trabalhar na educação infantil é um desafio diário. Exige muita predisposição física, tendo em vista que as crianças exigem muita atenção e cuidado. Então, toda hora tem que estar atento e disposto a andar pela sala, abaixar para amarrar os sapatos. Em minha formação, fiz apenas a observação da educação infantil no estágio obrigatório, e poucas aulas e disciplinas na graduação eram voltadas ao assunto.

2. O que mais chega nas aulas de Arte na educação infantil? Conteúdos, linguagens artísticas, abordagens. Como você prefere ensinar Arte para a educação infantil?

Resposta: O que mais chega são conteúdos lúdicos para a formação de uma identidade a partir de linguagens artísticas. Eu trabalho bastante com o conteúdo de arte a partir de atividades práticas.

3. Como funciona o processo criativo das crianças no dia a dia, na rotina da sala de aula?

Resposta: Nessa idade é mais importante o que eles falam sobre o desenho do que o próprio desenho. As crianças dessa fase copiam muito, principalmente da indústria cultural (personagens como o Homem aranha, Naruto , Super heróis) e copiam uns dos outros. Cansamos de ver um aluno começar um desenho, e toda a turma passar a fazer igual. Então, o que mais vemos na sala de aula é a imitação. O grupo 4 está começando com o figurativo, então é muito comum o desenho de palito, o desenho estereotipado, muito difícil fugir desse padrão. A criança tem menos referência, então para ela é mais fácil criar, pois qualquer coisa que ela pensa, com poucos elementos para compor ela já cria. O adulto lembra que muita coisa existe, então precisa de muito mais elementos para uma criação.

4. O que mais estimula as crianças da educação infantil? Relate ações que foram mais ou menos bem sucedidas.

Resposta: Na educação infantil, eles são bem receptivos a produção de qualquer tipo de atividade. Sobre a aula ser bem sucedida é difícil mencionar, mas geralmente as crianças preferem e se desenvolvem melhor com atividades que envolvam dinâmicas corporais.

5. O que mudou nas suas aulas desde o início da sua experiência com a educação infantil até agora?

Resposta: Muita coisa mudou. Desde o modo como entro na sala de aula e faço os combinados, até o jeito de dar bronca e chamar atenção. No quesito atividades, ainda realizo bastante a experimentação, e se vejo que as crianças gostaram e é viável colocar no repertório de atividades, quando não é propício, não uso mais.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**



VITÓRIA FELBER DE OLIVEIRA DUTRA

A CRIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTIMULANDO O USO DE CORES E LINGUAGENS

Projeto de Curso para o Ensino de Artes Visuais, apresentado como parte dos requisitos para a aprovação no curso de Artes Visuais – Licenciatura – da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientação: Prof. (a) Dra. Rozana Vanessa Fagundes Valentim de Godoi.

Campo Grande - (MS)
2023

PROJETO DE CURSO PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS

1. APRESENTAÇÃO

Para estimular a criatividade na educação infantil, o professor precisa trabalhar com o lúdico, com a diversão. Dentro das Artes Visuais, conseguimos trazer a atenção dos alunos através da experimentação de diferentes materiais (despertando a curiosidade das crianças), estímulos com experiências sensoriais (onde as crianças fazem descobertas através dos sentidos), incentivo à livre expressão, pela interação social, entre outros. É importante que os alunos aprendam o que são as cores e suas misturas, experimentem e tenham acesso a materiais diversos de Arte, e conheçam o trabalho em coletividade para desenvolver o processo criativo. Essas oportunidades preparam os alunos para o convívio com a comunidade escolar e sociedade, ajudam no desenvolvimento de habilidades artísticas individuais através da experimentação, gera meios de expressão e comunicação para as crianças. Assim, neste projeto os objetivos são: Apresentar referências de artistas, contextualizar os conteúdos com o meio social e comparar com elementos da realidade, desenvolver a ação criadora dos alunos, desenvolver habilidades artísticas individuais, entre outros, utilizando as cores e linguagens artísticas.

2. OBJETIVOS GERAL

Investigar e estimular o processo criativo das crianças da educação infantil em sala de aula nas aulas de Arte, utilizando as cores e linguagens artísticas.

3. CONTEÚDO/TEMA GERAL

Cores e linguagens artísticas.

4. IDENTIFICAÇÃO DO ANO ESCOLAR

Grupo 4.

5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1

Objetivos específicos

Aprender sobre diferentes tipos de lápis e desenvolver desenhos variando as temáticas.

Conteúdo específico

Desenho.

Tipos de grafites.

Tipos de lápis para desenho (grafite e coloridos).

Procedimentos Metodológicos

Iniciarei a aula perguntando aos alunos quem gosta de desenhar. A partir disso, verei quais tipos de lápis eles já conhecem e se sabem que existem vários tipos, iniciando a apresentação dos materiais disponíveis: Lápis grafite H, 2H, 3H, 4H, 5H, 6H, 7H, 8H, 9H, F, HB, B, 2B, 3B, 4B, 5B, 6B, 7B, 8B e lápis de cor a base de cera, e aquarelavel. Pedirei para sentarem em grupos e produzirem desenhos, onde os grupos farão as sugestões de temas, utilizando os materiais que mais gostarem. Ao final, pedirei que os alunos falem sobre as diferenças que perceberam nos materiais que usaram nos desenhos e que temas escolheram para realizar seus desenhos. Também conversaremos sobre as diferenças dos materiais que escolheram e da sensação que tiveram ao utilizarem determinados tipos de grafites e lápis de cor.

Recursos

Folhas sulfite, lápis grafite H, 2H, 3H, 4H, 5H, 6H, 7H, 8H, 9H, F, HB, B, 2B, 3B, 4B, 5B, 6B, 7B, 8B e lápis de cor a base de cera, e aquarelavel.

AULAS 2 e 3**Objetivos específicos**

Conhecer obras do artista plástico Uendell Rocha e experimentar o desenho com carvão.

Conhecer obras do artista plástico Carlos Alvarez e experimentar o giz de cera e o giz pastel.

Conteúdo específico

Desenho.

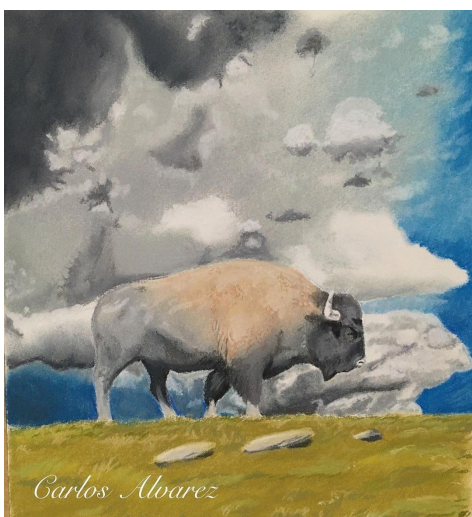
Artista Uendell Rocha.

Artista Carlos Alvarez.

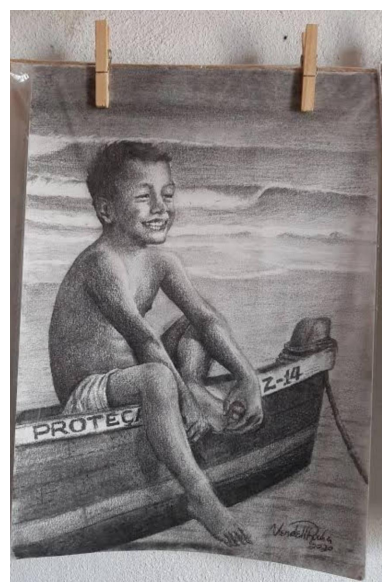
Procedimentos Metodológicos

A aula será iniciada com a apresentação de obras impressas do artista Uendell Rocha, que trabalha com carvão, e obras impressas do artista Carlos Alvarez, que trabalha com giz pastel. Após a observação e análise das imagens, questionarei os alunos sobre as imagens apresentadas, sobre as cores e sensação de textura que observam nas obras dos artistas. Conversarei sobre como esses artistas criam seus desenhos e porque usam determinados materiais. Na roda, cada aluno poderá expor suas ideias sobre aquilo que estão vendo e suas percepções, além de dizer suas ideias, para criar seus próprios desenhos.

Na sequência, os alunos farão a experimentação do carvão e dos giz de cera e pastel em folhas de sulfite, apenas com traços soltos, depois da experimentação inicial, os alunos serão estimulados a produzir utilizando o carvão, e a partir das imagens observadas, os alunos farão o desenho de um retrato de um colega, de um familiar. E a partir do o giz de cera, os alunos farão uma produção de uma paisagem, a partir da obra observada e ao final, pedirei que os alunos falem sobre a experiência com as atividades.



*Paisagem com Bisão, Carlos Alvarez, A4,
Giz pastel, 2023.*



Uendell Rocha, desenho com carvão.

Recursos

Carvão, folhas sulfite, imagens impressas, giz de cera e giz pastel.

Avaliação

Diagnóstica.

AULA 4

Objetivos específicos

Conhecer obras dos artistas Piet Mondrian e Kandinsky e criar um desenho coletivo utilizando as cores primárias.

Conteúdo específico

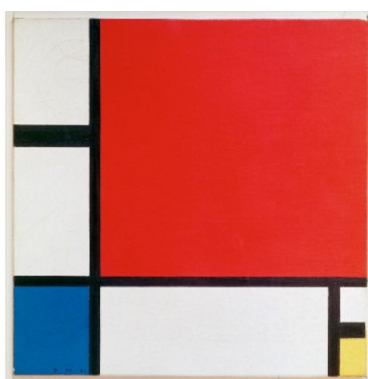
Cores.

Piet Mondrian.

Kandinsky.

Procedimentos Metodológicos

Iniciarei a aula mostrando imagens impressas dos artistas Piet Mondrian e Kandinsky, que tem em suas obras a presença das cores primárias. Também, me interessa apresentar aos alunos imagens que não são figurativas, mas tem formas e elementos que permitem às crianças imaginar temas, desenhos, situações e conhecer formas. Explicarei o que são essas cores e o que é a arte considerada abstrata, já partindo para a atividade prática coletiva que será feita com materiais diversos no papel Kraft utilizando as cores primárias. Para essa atividade, as crianças serão instigadas a pensar nas cores, nas formas e na utilização do espaço do papel para elaborarem suas composições.



Composição com vermelho, azul e amarelo, Piet Mondrian, óleo sobre tela, 1930.



Amarelo-Vermelho-Azul, Wassily Kandinsky, 127 x 200, óleo sobre tela, 1925.

Recursos

Imagens impressas, Papel Kraft, lápis grafite e lápis de cores diversas, giz de cera e

giz pastel.

AULAS 5 e 6

Objetivos específicos

Reconhecer as cores primárias e elaborar uma produção a partir da linguagem da pintura.
Desenvolver a curiosidade e a criatividade por meio da produção artística.

Conteúdo específico

cores primárias.

cores secundárias.

Procedimentos Metodológicos

Essa aula será iniciada relembrando o assunto da aula anterior (cores primárias), já começando a atividade prática experimentando a mistura das cores. Após a experimentação, cada aluno receberá folhas de sulfite para criarem formas, utilizando as cores primárias e secundárias, e ao final perguntarei o que cada um pensa das cores utilizadas e porque escolheram aquelas. Após isso, pedirei para formarem grupos e entregarei potinhos, paletas, tintas, pincéis e papéis Kraft para começar a atividade prática. Explicarei sobre a mistura de cores, e como formamos as cores secundárias, instruindo os alunos a me acompanharem para criar as novas cores, e iniciarem a pintura apenas com as mesmas. Ao final da aula, faremos uma comparação com os trabalhos da aula anterior, e assim repetirei as diferenças entre cores primárias e secundárias.

Recursos

Tintas, pincéis, potinhos e paletas, papel Kraft.

AULA 7

Objetivos específicos

Explorar o suporte tela para produção de pintura.

Reconhecer as cores primárias e secundárias em suas pinturas.

Produzir uma pintura utilizando temáticas relacionadas ao seu cotidiano.

Conteúdo específico

Cores.

Composição.

Procedimentos Metodológicos

A aula começará com a apresentação da tela de pintura, com os alunos percebendo a textura do tecido esticado e diferenciando de uma folha de papel. Em roda, vamos conversar sobre os artistas que estudamos nas aulas anteriores, vou apresentar as imagens já estudadas e verificar o entendimento das crianças sobre o que já foi conversado. Encaminharei a atividade que será no suporte tela, permitindo que as crianças expressem nesse suporte suas memórias dos estudos já realizados e instigando-os para que pensem no seu dia a dia, de como brincam e do que gostariam de fazer nas suas pinturas. Após a distribuição individual das telas, pedirei que os alunos façam uma pintura a partir de uma memória, e que pensem nas cores que vão utilizar para a atividade. Ao final, em uma roda de socialização, pedirei que os alunos falem dos seus trabalhos.

Recursos

Tela, tintas, pincéis, copinhos, paletas.

AULAS 8 e 9

Objetivos específicos

Elaborar tintas utilizando diferentes materiais.

Conhecer artistas que criavam seus próprios materiais.

Produzir pinturas a partir das tintas criadas em aula.

Conteúdo específico

Pintura.

Procedimentos Metodológicos

Iniciarei a aula explicando o que faremos na aula do dia e também na aula posterior. Mostrarei vários elementos como: terra, açafraão, carvão triturado, urucum, folha de couve, nisto vou questionando as crianças se elas acham que é possível transformar aqueles materiais em tinta, explicando que podemos criar a própria tinta a partir de vários materiais que temos em casa, inclusive materiais naturais. Na segunda aula colocarei os materiais nas mesas, e supervisionando os grupos deixarei que eles misturem os ingredientes para criar

as próprias tintas. Irei sugerir que eles testem misturas diferentes e quantidades diferentes para obter novas tintas. Após isso, faremos pinturas em grupo utilizando as tintas criadas por eles.

Recursos

Datashow, lousa, canetão, ingredientes, papel Kraft, pincéis, copinhos.

AULA 10

Objetivos específicos

Desenvolver a produção de uma pintura coletiva, a partir das tintas criadas junto aos alunos
Socializar a produção de um painel com tintas materiais para a comunidade escolar.

Conteúdo específico

Pintura.

Procedimentos Metodológicos

Essa aula será iniciada em rodas, lembrando os artistas utilizados, as cores que utilizavam em suas obras e conversando sobre as tintas já prontas, que são compradas e as outras que podem ser produzidas a partir de diversos materiais. Na sequência, os alunos serão encaminhados para um painel de papel Kraft organizado na parede, e coletivamente as crianças farão pinturas com temas variados, utilizando tanto as tintas com cores primárias e secundárias, compradas nas papelarias, como também, as tintas produzidas por elas.. Ao final, pedirei para cada aluno explique o que significa o seu trabalho para a turma, e o que achou da experiência prática dessa aula. Depois do painel seco, ele será exposto na parte externa da sala de aula, para que os demais colegas tenham acesso ao que foi estudado e produzido.

Recursos

Papel Kraft, tintas, pincéis.

6. AVALIAÇÃO

Observação da participação e desenvolvimento de cada aluno, fazendo anotações e relatórios sobre os processos individuais, visando melhorar o trabalho pedagógico a cada aula. A avaliação diagnóstica, de acordo com Luckesi, é uma prática que visa a construção do conhecimento, e tem como objetivo principal a compreensão da realidade dos alunos, assim como sua interação com o ambiente escolar. Assim, não de maneira classificatória, a avaliação diagnóstica deve servir para melhorar o trabalho pedagógico e ajudar os alunos a se desenvolverem.

7. REFERÊNCIAS

CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. (Orgs.). **Arte contemporânea e Educação Infantil: crianças observando, descobrindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011. Revista Polyphonia, Goiânia, v.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **A prática Pedagógica Histórico-Crítica na educação infantil e ensino fundamental**. Autores Associados, 2011.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**: Teorias da Educação, Curvatura da Vara, Onze Teses sobre Educação e Política. 42ª ed. Autores Associados, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **Criação e Imaginação na Infância**: ensaio psicológico. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.